

Resenhas

john cage, os ruídos desta hora!

GUSTAVO SIMÕES

John Cage. *The selected letters of John Cage*. Organização de Laura Kuhn. Connecticut, Wesleyan University Press, 2016, 680pp.

“A quem possa interessar”. Deste modo John Cage iniciou a carta redigida em Nova York, julho de 1972, em apoio ao artista Bob Wilson, preso na Europa por portar haxixe. “Esta carta é para incluir meu nome junto a outros que aguardam a libertação de Bob Wilson da prisão para onde ele foi enviado. Seu trabalho é de uma grande beleza e utilidade para a sociedade e quanto mais urgentemente ele esteja livre melhor será para todas as pessoas de todos os países” (p. 419). Quarenta e cinco anos depois da epístola, em agosto de 2017, em São Paulo, Wilson apresentou “Conferência sobre o nada”, célebre texto de Cage.

A partir das extensas matérias que circularam nos grandes jornais a respeito da apresentação de Bob Wilson — os comentários acerca de John Cage eram brevíssimos

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

—, constata-se que no Brasil, em pleno século XXI, apesar dos esforços de Rogério Duprat e Augusto de Campos, entre outros, Cage, considerado um dos artistas mais importantes pós-Segunda Guerra Mundial, ainda permanece olvidado, pouco ouvido e lido. E vale lembrar que o artista esteve duas vezes no país, em 1968 e 1986. Na primeira, acompanhando Merce Cunningham, aproveitou o convite de Pietro Ferrua e falou para libertários, em plena ditadura civil-militar, no Rio de Janeiro, sobre revolução e cogumelos. Na segunda ocasião esteve na programação da Bienal de Arte de São Paulo e para assistir *ASLSP (As slow as possible)*, executada por Jocy de Oliveira.

Contudo, se o artista que, com os “pianos preparados”, na ultrapassagem da década de 1930, e a ação direta “4’33”, início dos anos 1950, liberou a música da sala de concertos, segue pouco notado por aqui, a continuidade da execução de suas composições e, em especial, de publicações de parte de seus escritos faz vibrar no presente sua existência anárquica. *The selected letters of John Cage*, antologia da correspondência do artista organizada por Laura Kuhn, é uma das recentes obras que empolgam novas pesquisas e investigações sobre a vida artista de John Cage.

Embora diferentes das experiências de ruptura da sintaxe característica dos *Diários* publicados de 1965 ao início dos anos 1980, *tortográficos* como definiu Augusto de Campos (entre os destinatários brasileiros do artista estavam o poeta e a compositora Jocy de Oliveira), as cartas — enviadas a seu amor, o coreógrafo Merce Cunningham; amigos músicos, como David Tudor, Morton Feldman, Cristian Wolff, La Monte Young; artistas tais quais Marcel Duchamp, Nam June Paik, Joseph Beuys; especialistas em cogumelos; presidentes de companhias aéreas (em uma

John Cage, os ruídos desta hora.

das epístolas Cage reivindica a adoção da macrobiótica para comida de bordo) —, como bem sublinhou Kuhn no prefácio do livro, são complementares às experimentações textuais mais arriscadas do artista. É que a partir das correspondências, divididas cronologicamente no livro em cinco movimentos, acompanhamos a própria existência do artista como matéria de invenção, desde a década de 1930, anos de estudos e ruptura com Arnold Schoenberg e pesquisas com sons de percussão até as afirmações do que chamou de “harmonia anárquica”, um pouco antes de morrer, no início dos anos 1990.

Apesar do extenso arco — Kuhn organizou seis décadas de missivas —, o que há de mais precioso no vasto material selecionado é a exposição nítida do anarquismo praticado por John Cage, visto que este, mesmo com a publicação dos mesósticos de *Anarchy* (1988), ainda hoje é negligenciado por boa parte dos estudiosos e pesquisadores da sua obra. Por meio da leitura das cartas trocadas entre 1954 e o início da década de 1970, período em que John Cage abandonou Nova York para viver ao lado de artistas e escritores libertários como Paul Williams e James Martin na comunidade rural de Stonypoint, podemos nos aproximar ainda mais da perspectiva ético-estética libertária afirmada pelo artista desde o final da década de 1940 até o seu último suspiro, em 1992. A seguir, alguns exemplos da anarquia de Cage, explicitadas nas correspondências que cruzaram os quatro cantos do planeta.

A partir de Stonypoint, em outubro de 1959, em mensagem destinada a David Tudor, depois de convidar o amigo para uma leitura em Nova York no espaço anarquista do *The Living Theatre*, Cage comentou: “Eu

agora não estou certo de que embarcarei para a Índia, pois ouvi indiretamente que será uma viagem política e eu não desejo me envolver com políticas, sejam elas boas ou ruins” (p. 207). Alguns anos depois, em 1964, afirmou para os integrantes da New York Mycological Society: “a Sociedade [Micológica] não possui constituição ou lei parlamentar, assim como não possui funcionários ou secretários (...). O que buscamos é uma situação anárquica não organizada” (p. 297). Por fim, em 1968, em carta endereçada ao escritor e crítico de arte alemão C. Caspari, concluiu: “o anarquismo é ausência de restrições tanto externas como internas (...). Revolução: eu penso que a velha estrutura (política-econômica) está morrendo. Eu penso que uma nova maneira de existir está se iniciando. Eu chamo esta mudança de revolução (...). Utopia é o que nós queremos” (p. 381).

John Cage retornou de Stonypoint no início dos anos 1970. Ressoando as experiências vividas ali durante pouco mais de dez anos, para além de se declarar anarquista, inventou ao longo da década de 1960 uma Fundação para auxiliar artistas experimentais a não dependerem de recursos estatais, e, a partir da leitura de Henry David Thoreau, avançou sobre as experiências escritas do que denominou “desmilitarização da linguagem”. Em suas palavras, seguiu adiante com o que chamou de “praticabilidade da anarquia”. Para acompanhar tal praticabilidade, as cartas, como salientou Kuhn, não são secundárias diante dos *Diários*. Segundo inúmeros relatos, nos anos 1980, de volta a Manhattan, depois do café da manhã e do cuidado com centenas de plantas que abrigava em seu apartamento, Cage dedicava longo tempo a cada dia para escrever e responder mensagens

John Cage, os ruídos desta hora.

recebidas. Assim, a seleção de Kuhn fornece mais material para apreendermos o percurso do trabalho deste artista que viveu por décadas de maneira corajosa e anarquista.

Para que jovens artistas e libertários conheçam cada vez mais John Cage e não dependam da ignorância de jornais ou programas de espetáculo, é urgente a tradução de *The selected letters of John Cage*. Uma terra que conhece pouco uma existência singular como a sua acaba por aceitar calada a recorrente perseguição a artistas e anarquistas. Durante a ultrapassagem dos anos 1960, John Cage não gostava de abaixo-assinados e petições contrários à guerra, pois considerava que tais modos de protesto ainda estavam inseridos no território da política e do Estado. Contudo, como vimos, na mesma época, intercedeu solidariamente pela libertação de Bob Wilson. Assim como no final dos anos 1980, ao receber a carta (que, infelizmente, não consta na antologia) de um *squatter* de Hanau, Alemanha, pedindo ajuda para a manutenção do espaço, realizou em parceria com anarquistas e punks a invenção sonora *Five Hanau Silence*. Diante dos recentes acontecimentos no Brasil, na Grécia, ou onde houver embates libertários, é sempre bom lembrar John Cage. Como anarquista, Cage sempre se interessou pelo que estava excluído dos concertos, fossem eles políticos ou musicais. Para ele, ouvidos abertos, interessavam outros sons, livres da representação: os ruídos. Que tal ouvirmos também?